

DOI

10.11606/issn.2525-3123.
gis.2021.175030

MEMÓRIA É MOVIMENTO

ALICE NINUniversidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil, 24210-201 –
gap.egh@id.uff.brORCID
<https://orcid.org/0000-0002-9276-2998>

É um dia de dezembro já mergulhado no alto verão carioca e os corpos que sobem e descem dos ônibus e vans se movem mais soltos, imersos na energia que os fins de ano parecem exalar aos pouquinhos, chegando devagar, e por fim imergindo a cidade num êxtase silencioso e um tanto dolorido de mais uma passagem anual. Fazemos a cola pros lambes em baixo do sol quente e a mistura responsável por juntar as imagens às paredes se derrete e evapora rapidamente. Bota escada pra lá, bota escada pra cá, tá soltando a ponta direita da foto ali, passa a cola, passa de novo, cuidado vai rasgar, encharca, precisa de mais, tem que tirar as bolhas com as pontas dos dedos, cuidado, vou fazer, ainda tem mais oito fotos, vai lá na Beta pegar mais água pra mistura, enquanto isso a gente vai descendo a rua pra conversar com o dono do mercadinho pra colar a foto da noiva lá naquela parede verde, tá bem, leva a escada que aí a gente já cola as fotos que vão na parede da caixa d'água, tá bem, deixa escorrer.

Hoje à noite é o dia da inauguração da exposição e vai ter churrasco, e vai ter cinema, a tela do cinemão já tá lá na quadra do Azul, enquanto isso quem foi no mercado comprar as carnes e refrigerantes pro churrasco tá chegando e a gente tá montando uma mesa com os cartões postais impressos com imagens do arquivo dos moradores; uma delas de seis mulheres, todas vestidas de rosa, num carnaval da escola de samba do Jaca, a *Unidos do Jacarezinho*. Outro de uma foto em preto e branco com a formação de um time de futebol, quem tá em pé tá de braço cruzado e quem tá agachado se abraça com intimidade em frente a uma bola de futebol toda branca que espera paciente sobre a grama. Outra

foto, essa colorida, é de uma festa de aniversário onde as pessoas olham pra câmera posando em volta de uma mesa de bolo com salgadinhos e refrigerantes, esses ainda em garrafas de vidro, como hoje são as cervejas. Todas essas imagens fazem parte de arquivos pessoais que, quando compartilhados, se coletivizam, e acessam tempos vários. Lembro de Didi-Huberman (2012) que diz que a imagem é rastro, corte, traço visual do tempo que quis tocar, mas também de outros tempos suplementares.

Entre muitas imagens aconteceu o evento que chamamos de Tenda das Memórias, que aconteceu um mês antes, em frente ao bar do João, boteco de um antigo morador do Azul que fica ao lado da casa da tia Beta, mãe do Léo, que nos recebe. No dia da tenda a caixa de som do bar do João se fazia presente com música e cerveja, junto de duas mesas repletas de fotografias e varais espalhados pelas paredes com mais fotografias, essas penduradas por pequenos pregadores de madeira. Quem passava quase sempre se demorava em alguma imagem ou outra, e nesse vai e vem o Léo e o Gê filmam, o Dudu e eu fotografamos, todo mundo bebe e conversa, tem gente que dança, e a tarde vai escorregando devagarinho pelo dia.

Memória é movimento é um ensaio de fotografias sobre o poder da circulação comunitária de imagens internas à arquivos pessoais e familiares, partindo de um trabalho coletivo que culminou com uma exposição chamada *Outro Olhar*, realizada nas ruas do Azul, parte alta da comunidade do Jacarezinho (RJ), e é fruto de uma parceria entre os coletivos Norte Comum e Cafuné na Laje, na época ambos atuantes na cidade do Rio de Janeiro a partir de práticas artísticas coletivas e descentralizadas. O ensaio documenta o processo coletivo de realização da exposição, que consistia em trabalhar com a memória visual do morro do Azul a partir de imagens dos arquivos dos próprios moradores, suas histórias e memórias do lugar, e é um desdobramento da pesquisa que já tinha sido iniciada pela Cafuné na Laje para realizar o filme *Favela que me viu crescer*¹, lançado em 2015.

Partindo do processo de realização da exposição, as fotografias deste ensaio se debruçam sobre como movimentar a memória visual de arquivos pessoais promove o encontro e a partilha dessas imagens-portais como uma forma de viver a fotografia, experimentando-as coletivamente, fortalecendo os laços comunitários e a importância histórica do lugar a partir de dentro, a partir de como ele próprio se significa visualmente. Assim reconhecendo e difundindo a relevância desses

1 <https://www.youtube.com/watch?v=JiT3ovJgbYM>

arquivos como um território necessário para o debate contemporâneo acerca das imagens fotográficas e sua participação na construção de uma memória coletiva.

As fotos são sobre o encontro com imagens de um arquivo que é pessoal mas também coletivo, na medida que conta sobre a história e memória do Azul, no Jacarezinho. É sobre o encontro de imagens familiares, dos álbuns, com a rua. É sobre o convívio das pessoas com suas memórias, e o poder de movimentá-las: em cada relação ativada pelas imagens o lugar se atualiza e se fortalece através de si.

O Azul é parte do Jacarezinho, que fica na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Entre os muros da General Electrics (GE), o rio Jacaré, e a linha do trem, o Jacarezinho nos anos 80 se situava na região do segundo maior parque industrial da cidade do Rio de Janeiro. Léo Lima, fotógrafo nascido e criado no Azul, integrante do coletivo Cafuné na Laje, escreve esse texto sobre o Jacarezinho para o catálogo da exposição:

Situado na Zona Norte do Rio de Janeiro, o jacarezinho ergueu-se da Vieira Fazenda, parte baixa da favela até o Morro Azul na parte alta, cercado por indústrias e fábricas. No caminho que começa atravessando a linha do trem para um lado ou para o outro, casas de pau a pique e alvenaria se misturam aos terreiros de umbanda e candomblé, igrejas evangélicas, campos de futebol e balcões de bares de esquina em diferentes alturas, ligados por escadas de concreto, pipas incansáveis cortam os céus, as crianças estão sempre em movimento enquanto algumas caixas d'água paradas.

O antigo morro da “titica” foi sendo moldado ao longo do tempo, por desejo ou necessidade dos seus moradores, novos e antigos, até o que vemos hoje: superposições continuadas de sonhos, desejos e necessidades, casas, bares, quadras, lojas e lajes. O que o Jacarezinho tem de extraordinário? Não sei ao certo, o que sei com certeza é que, quando se pede a um morador do jacarezinho que descreva uma vida feliz ele sempre imagina uma favela como a dele, com sua gente, do futebol na G.E. à Escola de Samba Unidos do Jacarezinho.

Se um lugar é sempre um quebra cabeça de olhares e permanências, e as perspectivas sobre ele coexistem em camadas simultâneas, (sejam elas camadas temporais ou relacionais que se ocupa num mesmo território) propomos as fotografias como imagens-portais que nos permitem partilhar e transitar por entre essas camadas de simultaneidade, nos proporcionando uma viagem à deriva no tempo/espço de um lugar e seus *diversos passados* (Rivera Cusicanqui 2018).

Por isso, a exposição não buscou contar uma história nos termos lineares do que significa a História de um lugar, mas sim, a partir das fotografias, colocar em circulação histórias que são contadas na beira do asfalto, sem separar e organizar o lugar no tempo de maneira tradicional, já que o que nos movia não era um processo de catalogação como os dos museus e instituições, mas sim um processo de troca de experiências e histórias que habitam um lugar de *tiempos mixtos* (Rivera Cusicanqui 2018), onde as fotos de família reúnem e recolocam uma temporalidade misturada através da simultaneidade de tempos heterogêneos por elas ativadas. Essa recusa da linearidade e escolha pela simultaneidade como método de encontro com as fotografias dos moradores me parece uma escolha importante para que tipo de processo estava sendo ativado.

Outro Olhar promoveu o acontecimento de reunir pessoas em torno de imagens que elas mesmo produziram, narrando junto sobre essas lembranças: pode parecer trivial, mas se pararmos para pensar no histórico que o direito à memória visual têm no país e em que tipos de imagens circulam sobre o Jacarezinho nos principais meios de comunicação da cidade, fica evidente que esse movimento de se encontrar para celebrar as fotografias que contam sobre suas histórias a partir de suas próprias representações é um acontecimento de contracorrente.

Encarar a memória como acontecimento é importante para pensar a forma como a exposição propôs circular as imagens que dela participaram, se opondo ao fetiche de produto tão característico ao meio das artes visuais, todo o processo foi pensado em torno de tipos de *movimentação* e *trajeto* voltados para a *troca*; tendo como “material expositivo” principal as próprias *relações*, ao invés dos objetos e produtos. O acontecimento de lembrar junto é uma prática muito poderosa, num sentido mesmo de ritual coletivo. Me parece que quando as memórias são compartilhadas localmente, reforçando esse laço de recordação comum, reafirmamos a potência do que significa viver em comunidade.

Isto é, quando lembramos juntos acessamos os muitos passados de um lugar, ativando memórias que contornam a sensação de pertencimento à ele; a demolição de uma construção marcante do bairro, ou o fim de uma linha de ônibus, ou até mesmo um acidente que alguém próximo sofreu jogando futebol, as festas de aniversário, enfim, imagens em alto-relevo com posições e vínculos referentes a uma temporalidade diversa e territórios simultâneos. Em *Outro Olhar* isso aconteceu junto de uma circulação que movimentava as imagens num sentido de aproximar e fortalecer as

autorrepresentações do território do Azul, ou seja, junto de uma circulação que aproximava as pessoas das imagens (ao invés de distanciar, como é comum nos museus e instituições de arte) como agentes constantes de sua construção. Por isso, uma dinâmica de acontecimento: pois existe propondo movimento e demarcando passagens.

Assim, se o foco estava nas relações e não no produto, a exposição aconteceu mesmo foi nas conversas entre as pessoas durante sua realização, e o foto-ensaio *Memória é movimento* é sobre esses encontros e conversas a meio-fio com quem passava pela rua e se deparava com as imagens de si, dos vizinhos, dos parentes junto aos vizinhos, dos primos ainda crianças, dos familiares que já se foram, dos antigos namorados e namoradas e do time de futebol do bairro. Aconteceu no movimento das fotos que iam de mão em mão, dos corpos que encontravam os lambe-lambes, e não em torno de produtos-objetos a serem expostos e comercializados em um espaço restrito a sua existência e protagonismo.

Por isso que é a partir das relações que esse foto ensaio propõe memória como movimento, pois as imagens de arquivo das moradoras do Azul, junto das histórias delas mesmas, trazem o recheio de um lugar que continua nascendo, por não ser fixo, e renascendo a cada palavra e fotografia onde lembranças são ativadas por dentro, às avessas, e contam sobre os muitos passados de chão e céu partilhados no Azul. Me parece que as memórias são um acontecimento pois não existem paradas. Pelo contrário, se criam na troca, em movimento, existem na conversa, no miolo das histórias, num devaneio que por mais solitário que pareça, se move.

Mais sobre o projeto Outro Olhar: <https://navalhanaliga.com/Outro-Olhar-1>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Didi-Huberman, Georges. 2012. Quando as imagens tocam o real. *Revista Pós*, vol. 2, n 4: 206-219.
- Rivera Cusicanqui, Silvia. 2018. Fragmentos de Yapa en torno a la noción de Lo ch'ixi. In: *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Silvia Rivera Cusicanqui, Ciudad Autónoma de Buenos Aires. Tinta Limón: 75-93.































PALAVRAS-CHAVE

Antropologia visual; Memória visual; Fotografia; Arquivo; Artes visuais.

RESUMO

O ensaio fotográfico *Memória é movimento* é sobre o encontro com fotografias de arquivo pessoal dos moradores do Azul, no Jacarezinho, Rio de Janeiro (RJ), a partir da realização coletiva da exposição *Outro Olhar* pelos coletivos Cafuné na Laje e Norte Comum. Partindo do processo de pesquisa da exposição, as fotografias se debruçam sobre a importância de movimentar a memória visual de arquivos pessoais, promovendo o encontro e a partilha dessas imagens-portais como forma de viver a fotografia, experimentando-as coletivamente, fortalecendo os laços comunitários e a importância histórica do lugar a partir de dentro, de como ele próprio se significa visualmente. Assim reconhecendo e difundindo a relevância desses arquivos como um território necessário para o debate contemporâneo acerca das imagens fotográficas e sua participação na construção da memória coletiva de um lugar.

ABSTRACT

The photo essay *Memory is movement* is about the encounter with personal archive photographs of residents of Azul, in Jacarezinho (Rio de Janeiro), gathered by the exhibition *Outro Olhar*, conceived by the collectives Cafuné na Laje and Norte Comum. Having the exhibition's research process as a starting point, the photographs focus on the importance of mobilizing visual memory of personal archives. The aim was to approach and share these portal-images and promote a way of perceiving and experiencing photography collectively, while strengthening community bonds. The emphasis was placed on the historical importance of the territory from within, of how it is visually signified. Thus, the recognizing and valuing of these archives is a necessity for the contemporary debate about photographic images and their participation in the construction of a territory's collective memory.

KEYWORDS

Visual anthropology; Visual memory; Photography; Archive; Visual arts.

ALICE NIN é fotógrafa e pesquisadora residente no Rio de Janeiro. Tem Bacharel em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com orientação da professora Oiara Bonilla. Foi bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) em um projeto de mapeamento dos núcleos de Antropologia Visual no Brasil (2018), supervisionado pela professora Ana Lúcia Ferraz (CAV - ABA), resultando na criação do site do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira de Antropologia (CAV-ABA). Com o coletivo Norte Comum realizou diversos projetos onde buscavam construir existência pelo direito à cidade e circulação nas costuras urbanas. Atualmente trabalha como Assistente de Câmera em diversos projetos audiovisuais, além de continuar desenvolvendo seu trabalho como fotógrafa e pesquisadora. E-mail: alicelimanin@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido: 26/09/2020

Aprovado: 06/10/2020